

**MARCAS DA ORALIDADE NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS
DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO
DO CENTRO DE ENSINO HUMBERTO DE CAMPOS
NA CIDADE DE HUMBERTO DE CAMPOS – MA**

Vandinalva Coelho Campos (UFMA)

dinalva_coelho@hotmail.com

Sânia Tereza Costa (UFMA)

Marize Barros Rocha Aranha (UFMA)

Fábia Elina Araújo (UFMA)

1. Introdução

As instituições de ensino sempre priorizaram a escrita uma vez que, a oralidade esteve por muito tempo sem a devida atenção no espaço escolar, entretanto nas últimas décadas, percebe-se um progressivo aumento de estudos sobre a linguagem oral que a partir de 1990 passou a ser mencionada nos livros didáticos de língua portuguesa. A ideia de que a escola é o lugar de aprendizagem da escrita tem sido questionada por muitos autores, principalmente, se levarmos em consideração que o texto escrito não se aprende só na instituição escolar, nem que a fala é apenas uma modalidade de aprendizado espontâneo no dia a dia.

Com base nessa realidade, verificou-se a necessidade de um estudo que mostrasse como acontece o processo de uso da linguagem oral e escrita na escola, bem como, a interferência desse uso nas produções textuais produzidas pelos alunos. A análise embasou-se a partir dos estudos de Marcuschi (1997) e Kleiman (2006) sobre oralidade e escrita.

Objetiva-se neste trabalho mostrar a dificuldade e a problemática existente em sala de aula quanto à linguagem oral e a produção textual escrita. Para a realização desta pesquisa, propôs-se aos alunos do Centro de Ensino Humberto de Campos situado no município Humberto de Campos, no Maranhão, que produzissem um texto dissertativo, tipologia textual exigida no ENEM.³⁴

³⁴ Exame Nacional do Ensino Médio.

2. Escrita e linguagem oral: uma abordagem sobre a interferência da oralidade em textos escritos

O texto tem por função a comunicação e por meio dele observa-se que há uma relação entre a linguagem oral e a escrita em que os sujeitos tentam expressar ideias com base no aprendizado de sua língua materna adquirida no contexto social e a língua padrão apreendida no ambiente formal.

Segundo Kleiman (1995),

As práticas de letramento se iniciam fora da escola desde muito cedo. Por outro lado, o bom desempenho de certas práticas orais formais pode ser desenvolvido na escola, como é o caso da apresentação de seminários, realização de debates, júris simulados, entrevistas etc.

A prática da escrita como principal estímulo ao desenvolvimento de ideias do aluno apresenta uma série de contrapontos; tanto na oralidade quanto na escrita encontram-se refletidas as dificuldades dos alunos na produção de textos utilizando normas preestabelecidas da gramática normativa.

Nesse sentido, nota-se uma deficiência no que tange à prática da produção textual nas escolas. Observa-se que a produção escrita sofre influências da língua falada, pois as marcas de oralidade são as principais evidências desse processo nos textos escritos. Marcuschi (1997) afirma que, tanto a fala como a escrita refletem formas de organização da mente através das próprias representações mentais. Dessa forma,

Podemos perceber que a construção de categorias para a reflexão teórica ou para a classificação é tanto um reflexo da linguagem como se refletem na linguagem. Seria útil ter presente, desde logo, que assim como a fala não apresenta propriedades intrínsecas negativas, também a escrita não tem propriedades intrínsecas privilegiadas. São modos de representação cognitivas e social que se revelam em práticas específicas. (MARCUSCHI, 1997)

Segundo Marcuschi (2004), “o homem é considerado um ser que fala e não como um ser que escreve”, ainda que isso não signifique que a oralidade seja superior à escrita. Essa afirmação baseia-se no fato de que todos os povos tiveram uma tradição oral cronologicamente anterior à escrita.

Com o advento desta, escrever adquiriu um valor social superior à oralidade. A tarefa de esclarecer a natureza das práticas sociais que envolvem o uso da língua escrita e falada de um modo geral é mais importante para o autor, pois “essas práticas determinam o lugar, o papel e o

grau de relevância da oralidade e das práticas do letramento numa sociedade e justificam que a questão da relação entre ambos seja posta no eixo de um contínuo sócio-histórico de práticas.” (MARCUSCHI, 2004, p. 18)

A comunicação oral era mais comum em tempos eruditos e com o passar do tempo a escrita ganhou espaço e valor superior a oralidade no contexto comunicativo entre os sujeitos em determinadas situações de interação comunicativa na sociedade. Sendo assim, a oralidade passou a ser considerada “erro” na prática escrita formal, a qual é estabelecida por regras gramaticais para o bem falar e escrever, uma vez que a língua padrão constitui o veículo de todo saber cultural, científico e artístico que se manifesta sob a forma escrita.

Muitos autores têm proposto que a função da escola não deve ser a de substituir a norma popular, que os alunos já dominam em sua linguagem falada, pelos modelos da norma culta, mas sim a de ensinar-lhes que ambas as formas de linguagem podem coexistir e ser utilizadas na comunicação, de acordo com as circunstâncias. (PRETI, 1994)

Antes dos anos 80, a oralidade e a escrita eram vistas como formas opostas, dicotômicas e a supremacia cognitiva era dada à escrita. Esta maneira de conceber a relação entre a fala e a escrita levou a uma visão preconceituosa em relação à fala e que apresenta suas consequências na atualidade.

Numa sociedade como a nossa, a escrita (...) se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia-a-dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural (...) não por virtudes que lhe são imanescentes, mas pela forma como se impôs e a violência com que penetrou nas sociedades modernas e impregnou as culturas de um modo geral. Por isso, friso que ela se tornou indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder. (MARCUSCHI, 2001)

Diante das práticas comunicativas, escrita e oral, percebe-se que a oralidade exerce influências na escrita e que reflete as características de aprendizado dos sujeitos que produzem textos nos quais apresentam marcas da oralidade. Essa realidade não pode estar de fora dos estudos relacionados à produção textual, já que todas as formas de comunicação e expressão de ideias são válidas na interação entre sujeitos na sociedade.

A partir dessa discussão, apresenta-se a seguir um estudo sobre as marcas da oralidade em produções textuais de alunos do Ensino Médio. Vale ressaltar que os sujeitos participantes desta pesquisa são alunos de uma região da zona rural, o que permitiu melhor abordagem sobre a presença da linguagem oral na escrita desses estudantes, uma vez que, a de-

ficiência do aprendizado da norma padrão nessas regiões, ainda é um aspecto marcante.

3. *Análise da presença das marcas de oralidade nas produções textuais dos alunos de Humberto de Campos – MA*

A escrita e a fala são modalidades particulares da língua, no entanto, nota-se que há características de uma encontrada na outra. Segundo Kato (1986), a escrita e a fala são realizações de uma mesma gramática, mas há variação na forma pela qual as atividades linguísticas são distribuídas entre as duas modalidades devido às diferenças temporais, sociais e individuais. Diante desse fato, e para cumprimento do objetivo deste trabalho, foi solicitado aos alunos do 3º ano de uma determinada escola localizada no município de Humberto de Campos que fizessem uma redação dissertativa para avaliarmos os aspectos da escrita seguindo os critérios especificados na gramática normativa prescritiva.

Vale salientar que em uma produção textual desse tipo é exigido do aluno seu conhecimento linguístico sobre a norma padrão, ou seja, há uma elaboração na maneira de compor seu texto. A oralidade naturalmente influencia a escrita deixando suas marcas; portanto acreditamos ser importante analisar alguns índices da oralidade na escrita observados nas produções textuais dos alunos participantes desta pesquisa.

Nesta perspectiva, observamos que existem alguns fatores que influenciam os falantes a produzir as marcas de oralidades em um texto dissertativo, tais como: a idade, o grau de escolarização e o sexo. Partindo desses pressupostos, recorremos a autores como Marcuschi (1986), Koch (1992) entre outros, os quais explanam questões *sociolinguísticas*, quando dizem que a interação social influencia no jeito peculiar que cada um tem de falar ou produzir um texto.

Segundo Koch (1992, p. 68), a fala se diferencia da escrita de acordo com os seguintes critérios:

FALA	ESCRITA
Não planejada	Planejada
Menor densidade lexical	Maior densidade lexical
Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	Elaborada
Pouco elaborada	Completa

Observa-se que a fala se encontra no âmbito da informalidade e a escrita consolida-se na forma culta da língua. Existem expressões que na

linguagem oral são aceitas ao contrário do que ocorre no texto escrito, uma vez que, elas são simplesmente ignoradas ou modificadas, como observamos nas produções dos sujeitos envolvidos neste trabalho. Abaixo apresentamos alguns exemplos de marcas da oralidade encontradas nas produções textuais desses alunos:

MARCAS DE ORALIDADE NA ESCRITA	
Nóis	Tu quer fazer?
Voceis	Tá
Praí	Praí
Né	Num vô,
Num qué	Os menino vai chegar.
Num vai	Pru leitor
Mas acho que	No fundo

Observa-se na tabela acima que as práticas orais da linguagem são frequentes na produção escrita de determinados grupos sociais. Os alunos de Humberto de Campos que participaram das atividades representam um grupo de indivíduos que embora tendo acesso à escola, estão aquém do domínio da língua padrão, pois a realidade social destes sujeitos envolve condições de educação inadequada, acesso restrito a livros, pouca formação docente e oportunidades de investir nos estudos em áreas mais desenvolvidas.

Koch (1992) diz que a expressividade da língua oral dá-se por meio de pausas, entonações, gesticulações, expressão facial e, na língua escrita, o emprego do discurso direto e a pontuação se sobressaem. Verifica-se que as expressões encontradas nas redações analisadas representam um discurso oral e não são aceitas pela gramática normativa sendo taxadas de “erros”, entretanto, na fala estas construções são compreendidas por quem ouve e não comprometem a comunicação.

A palavra “Nóis” que se refere a um pronome pessoal, gramaticalmente correta se escreve “Nós”, na escrita, podemos perceber que os alunos a utilizam da mesma forma como pronunciam. O mesmo acontece com a palavra “voceis”. As expressões, “Tá, praí, num vô e num qué”, são tipicamente da língua falada e correspondem a redução das palavras, “Está, para aí, não vou e não quer”. Marcadores como, “No fundo” e “Mas acho que” também foram encontrados nos textos dos estudantes, eles são usados mais em uma comunicação oral e tornam-se itens que fogem a estética do texto escrito.

4. Considerações finais

Diante desta análise podemos perceber que as marcas de oralidade influenciam na linguagem escrita, pois os sujeitos envolvidos no processo comunicativo interagem conforme situações que permitem o uso da língua falada por não ter o domínio das regras gramaticais, embora saibamos que a comunicação não se dá apenas através de regras pré-estabelecidas, pois o homem enquanto um ser social necessita comunicar-se com o outro e por este fator devemos respeitar suas formas de interação, mesmo que fujam aos padrões da norma culta. Contudo, vale ressaltar que, enquanto educadores, devemos auxiliar nossos alunos a entender que existem diversas situações comunicativas que exigem determinadas formas da língua e também orientá-los ao uso destas formas, pois a sociedade nos exige a prática da norma padrão, mas podemos usar uma linguagem mais flexível em ambientes não formais ou cultos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMARGO, Ellen Regina; RODRIGUES, Marlon Leal. *Marcas da oralidade em textos escritos*. Disponível em: <<http://www.cepad.net.br/linguisticaelinguagem/EDICOES/03/Arquivos/07%20Ellen%20Regina%20Camargo.pdf>>. Acesso em: 16-11-2011.
- KATO, M. A. *No mundo da escrita*. São Paulo: Ática, 1986.
- KLEIMAN, Angela B. *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006.
- KOCH, I. V. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. A língua falada no ensino de português. In: BASTOS, N. M. (Org.). *Língua portuguesa: história, perspectivas ensino*. São Paulo: Educ, 1998, p. 101-119.
- _____. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. *Oralidade e escrita*. Goiás: Signótica, 1997.
- _____. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. Recife: s.c.p., 1999. [Manuscrito inédito cedido pelo autor].

PIMENTEL, Célia de Oliveira. *Oralidade na escrita*. Erro? Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/18-4.pdf>>. Acesso em: 16-11-2011.

PRETI, Dino Fioravante. *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 1994.

REZENDE, Mariana Vidotti de. *A influência da oralidade na produção de textos escritos*. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/06/Individuais/19.pdf>>. Acesso em: 16-11-2011.